





Ralph Waldo Emerson  
O Espírito da Natureza



Ralph Waldo Emerson

# O Espírito da Natureza

*Tradução, Estudo Introdutório  
e Notas de*

JAIME BECERRA DA COSTA



**Autor**

Ralph Waldo Emerson

**Título**

O Espírito da Natureza

**Tradução, Estudo Introdutório e Notas**

Jaime Becerra da Costa

**Edição**

OPERA OMNIA – Edição, Distribuição e Comercialização de Livros  
Rua de Camões, 116 – 4810-442 GUIMARÃES  
Tel./ Fax: 253 574 806 - Tlm. 965 870 849  
E-mail: geral@operaomnia.pt  
web: www.operaomnia.pt

**Paginação**

M. Fernandes

**Capa**

João Ramos  
joaoramos@lustrudesign.com

**Execução gráfica**

Papelmunde – Sociedade de Manufacturas Gráficas, Lda.

**ISBN**

978-989-8858-53-5

**Depósito Legal**

.....

Janeiro 2020

O homem é uma ribeira cuja nascente permanece oculta.

Sobre nós descende constantemente o nosso ser sem que nada saibamos da sua proveniência.

R. W. Emerson, *Confiança em si*.

## ESTUDO INTRODUTÓRIO

Decorria o ano 1849 quando o paisagista norte-americano Asher Durand (1796-1886) pintara *Kindred Spirits, Almas Gémeas*, um quadro de carácter figurativo pleno de simbolismo e alusões.<sup>1</sup> Nele, o poeta William Cullen Bryant e o paisagista Thomas Cole, apreciam um bosque exuberante do alto duma ravina, enquanto ao seu pé, entre os rochedos, se precipita, de uma montanha distante, uma ribeira com toda a suavidade da sua constância. O sentimento transmitido é o de comunhão com a natureza de dois artistas que, numa atitude contemplativa, se unem na tentativa de perceberem a melhor maneira de desvendar, exprimir e, eventualmente, transmitir ao mais comum dos mortais os valores e as mensagens contidos na Natureza.

A partir da nossa observação do quadro, que se nos apresenta centrado nas suas personagens centrais e curiosamente num plano ligeiramente inferior ao nosso olhar, concluímos que Durand pretendia, claramente, provocar a nossa reflexão, ou melhor, contemplação<sup>2</sup> sobre o significado das “almas gémeas.” Não, Durand

---

<sup>1</sup> No contexto do Novo Mundo, a pintura desempenha um papel fundamental, como meio privilegiado de dar a conhecer as maravilhas naturais: as paisagens, a fauna e a flora que eram desconhecidas e que, facilmente, se revestem de um capital simbólico religioso e, até, político.

<sup>2</sup> Usamos aqui um termo cientes da sua etimologia latina, aquilo que pode ser visto num templo com espanto e reverência por ser uma realidade sublime e inexprimível.

não nos brindou uma obra, como muitas da Escola do Rio Hudson,<sup>3</sup> meramente descritiva da beleza de territórios ainda virgens, ou uma onde se narrasse o domínio do ser humano, mediante a colonização, exploração ou “domesticação” desses territórios e que cumpriria uma função divulgadora ou, até, propagandista da existência duma missão das suas gentes para com um território que se estendia, ao que tudo parecia, tão cheio de mistérios como carente de limitações. Não deveremos, no entanto, desconsiderar, neste momento histórico, ainda, um contexto de procura identitária, de patente expressão de orgulho sobre a diversidade paisagista dos Estados Unidos e, claro está, de exaltação pátria, tal como era comum no século XIX. Perante tudo Durand, ao seleccionar dois artistas consagrados, pretendia salientar uma natureza distinta no seu quadro, um carácter reflexivo, decididamente filosófico, associando a pintura e a poesia na sua capacidade de evidenciar mediante a visão e a palavra as verdades do mundo natural que se apresentam ao ser humano e a capacidade de ambas de gerar ulteriores ideias e conceitos que bem podiam efectivar uma união tanto de carácter intelectual como espiritual com o universo. O ser humano resulta ser gémeo da natureza ao partilhar a sua mesma origem, daí a possibilidade de a compreender em tudo de uma forma directa, diríamos, “natural,” sem esforço.

Ralph Waldo Emerson, em plena sintonia com os preceitos românticos, será quem nos dirá que o poeta é “o homem sem impedimentos, aquele que vê e opera com aquilo que outros sonham, atravessa todas a modalidades da experiência e é representante

---

<sup>3</sup> Thomas Cole (1801-1848) funda esta que será a primeira escola de pintura dos EUA, centrada principalmente sobre o paisagismo, e que se mantém activa entre 1825 e 1870. Neste momento histórico de formação cultural e nacional, a Escola do Rio Hudson contribui de maneira destacada para a difusão dos valores do transcendentalismo, especialmente no que toca ao respeito pela natureza como repositório ao serviço da humanidade. Os seus artistas mais destacados serão Asher Durand (1796-1886), Frederic Edwin Church (1826-1900), George Inness (1825-1894) e Albert Bierstadt (1830-1902).

do homem, em virtude de ser a maior autoridade de recepção e de transmissão.” Emerson reconhecerá ao poeta a qualidade de profeta, por ter capacidade de anunciar “aquilo que ainda ninguém previu.”<sup>4</sup> Será o poeta quem logra ver a unidade na diversidade das coisas que se apresentam perante o olhar. Não resultará, assim, surpreendente que Emerson como filósofo-poeta se coloque no centro de toda interpretação,<sup>5</sup> como um indivíduo ungido por um desígnio. Em relação à pintura, Emerson não poderia ser mais laudatório se atendermos àquilo que nos comenta neste ensaio sobre a qualidade pictórica da linguagem quando esta é usada para reestabelecer uma relação inequívoca com o mundo corrigindo e superando a sua decadência:

[...] os sábios abrem o seu caminho, entre esta dicção podre, e enlaçam, de novo, as suas palavras com as coisas visíveis, de modo que a linguagem mais pictórica constitui claramente uma convincente certidão de que aquele que a emprega estabeleceu uma aliança com a Verdade e com Deus. Desde o momento em que o nosso discurso ascende acima do nível do solo, por cima dos dados conhecidos, e é inflamado com a paixão ou é elevado pelo pensamento, veste-se de imagens.

O propósito de Emerson n’*O Espírito da Natureza* não será outro senão dar a conhecer como alguém, como ele próprio, no momento decisivo em que o seu país começa a posicionar-se no contexto mundial, deverá chegar ao conhecimento do mundo que se abre com o século XIX, oferecendo um guião útil a todos os jovens que, como ele, se sentem desarraigados e sem possibilidade de agir.

Só quero indicar a verdadeira posição da Natureza em relação ao homem, ver o lugar em que colocar o homem, o que constitui afinal aquilo a que tende toda a instrução esmerada; pois o fundamento, aquilo a alcançar, é o objecto da vida humana, isto é, a ligação do homem com a natureza.

---

<sup>4</sup> Trata-se de citações tomadas do ensaio de Emerson *O Poeta* de 1844.

<sup>5</sup> Posteriormente, Walt Whitman levará este posicionamento até ao extremo, ele próprio será a personagem principal de *Folhas de Erva*.

Debruçamo-nos, assim, sobre *O Espírito da Natureza* como um ensaio medular do pensamento norte-americano de todos os tempos, ou não seria o romantismo uma das causas do nascimento dos Estados Unidos. Será o seu manifesto romântico por parte de quem, dadas as circunstâncias dos ares de mudança que se fazem sentir, simplesmente pretende entender o mundo que se está a erguer perante o seu olhar e deseja saber o que fazer para conhecer a natureza das coisas<sup>6</sup> no seu valor autêntico, como fundamentos de vida e, conseqüentemente, como alicerce e primeiro passo para o surgimento de um ser humano novo, a quem Emerson lhe irá dar, naquele que provavelmente será o seu mais conhecido ensaio, *O Erudito Americano* (1837), um nome de simplicidade suficientemente ilustrativa, “homem pensante.”<sup>7</sup>

Sem entrar em polémicas, sobre se Ralph Waldo Emerson deverá ser considerado como um autêntico filósofo ou, talvez, por essa mesma razão, se as suas ideias serão, ou não, originais, existe um facto indiscutível: Emerson constitui-se no centro da vida cultural norte-americana na prática totalidade do século XIX, no indiscutível coração do Transcendentalismo, do romantismo norte-americano.

Em boa verdade, para Emerson a questão da muito referida ausência de consistência no seu pensamento, não o preocupava minimamente por ser algo próprio de “mentes pequenas.”<sup>8</sup> Sim, também é verdade que Emerson não tinha grande simpatia pelo meio universi-

---

<sup>6</sup> Vem-nos à memória *De rerum natura* de Tito Lucrécio Caro (98-55 a.C.) uma obra onde o autor romano, sob a influência de Demócrito e Epicuro, se propõe chegar à verdadeira natureza das coisas fora de toda influência de poderes sobrenaturais, numa tentativa de lutar contra a superstição e o medo à morte.

<sup>7</sup> Em *O Erudito Americano* Emerson explorará alguns dos temas já apontados na *Natureza*, tais como a necessidade de contrariar a fragmentação do ser humano e a necessidade da dependência em si como alicerces de uma nova maneira de conceber o universo.

<sup>8</sup> Em *A Confiança em si*, Emerson dir-nos-á inequivocamente: “Uma tresloucada consistência é o diabo nas mentes pequenas.”

tário, que bem vistas as coisas, o poderia ter canonizado devido à sua indiscutível influência no pensamento filosófico. Em particular, no surgimento do Pragmatismo, em William James e John Dewey, como, também, por prefigurar o pensamento de Michel Foucault e Jaques Derrida, não esquecendo, posteriormente, por se ter tornado em objecto de estudo por parte de filósofos como Stanley Cavell ou Richard Rorty, entre outros.

Em Emerson, e tal como poderemos ler também no seu assumido executor poético, Whitman, há uma admissão da existência de contradições,<sup>9</sup> reconhecimento de tom desafiante presente no seu ensaio de 1841 *A confiança em si*, bem no início do seu percurso de vida intelectual: “Porquê arrastar o cadáver da tua memória não vá ser que venhas a ser apanhado em contradição sobre algo que disseste neste ou naquelo outro lugar público? Supõe, então, que chegas a contradizer-te, e, então, que tem?” Admissão, fundamental por si só, alusiva ao uso da liberdade intelectual, da rejeição da existência de ataduras de qualquer tipo, da necessidade e, mesmo, obrigatoriedade de poder ir cambiando e aperfeiçoando a visão do mundo sem receios, num processo de aprendizagem constante e sem limitações que dá termo a qualquer tipo de consideração de carácter dogmático.

Será Emerson quem nos enunciará explicitamente, a modo de aviso sobre a potencialidade interpretativa, também válido para abordar o pensamento dele próprio, que “aprendemos a preferir teorias e frases, ainda que imperfeitas, mas que contêm vislumbres de verdade, sobre aqueles outros sistemas estruturados que não contêm sequer uma sugestão valiosa.” É isto o que Emerson denomina “comunicar por meio da esperança” procurando um pensamento não-prescritivo, simplesmente indicativo daquilo que todo o pensamento deve ser para ter alguma utilidade, a de não impedir pensamentos e abordagens posteriores, gerando ainda, de

---

<sup>9</sup> Lembramo-nos aqui de Walt Whitman e do seu mesmo reconhecimento sobre as contradições que explicava por ele próprio “conter multidões.”

si, mais pensamentos e mais visões. Não deixará de ser esta uma consideração que produzirá um pronunciado, por dizer pouco, desassossego. Uma inquietude suscitada pela mera sugestão de um pensamento não-finalizado onde a possibilidade e responsabilidade da sua determinação é delegada num “leitor” que se supõe preparado. Emerson revelar-nos-á n’*O Espírito da Natureza* que qualquer visão, após a contemplação de uma paisagem, ou a interpretação de qualquer outra “leitura,” por mais simples que seja a sua intenção, é o resultado duma exigente participação activa que invariavelmente nunca lhe “arrancará todo o seu segredo.” Se assim o sentirmos, este desassossego fica ainda mais realçado ao afirmar um relativismo determinado pela constituição anímica de cada sujeito observador que tenta desvendar uma realidade ou criar uma narrativa, com o seu diálogo com a natureza que o “circunda e penetra” e a quem chega, porventura inadvertidamente, a vestir com algo intimamente seu, com “as cores do espírito.” Vai ficando bem claro em *O Espírito da Natureza* que o tempo (a tradição) e o espaço (o meio natural) consubstanciam o conhecimento da realidade.<sup>10</sup>

Como primeira expressão cultural nativa norte-americana de envergadura, o *Transcendentalismo* surge desde o seu momento inicial marcado pela intenção de ruptura, a partir do descontentamento, e indignação, de um grupo de jovens<sup>11</sup> intelectuais para com

---

<sup>10</sup> Consideramos importante aqui citar a frase completa de Ortega y Gasset (1883-1955), pela sua relevância em sublinhar o sentido de interdependência com o meio: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo. *Benefac loco illi quo natus est*, leemos en la Biblia. Y en la escuela platónica se nos da como empresa de cultura esta: salvar las apariencias, los fenómenos. Es decir buscar el sentido de lo que nos rodea.” *Meditaciones del Quijote. Lector*, Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 322.

<sup>11</sup> O núcleo duro do *Transcendental Club*, mal chega aos trinta anos de idade média quando *O Espírito da Natureza* é publicado. São os seus membros mais destacados, para além de Emerson: Frederic Henry Hedge, William Ellery Channing, Theodor Parker, Margaret Fuller, Orestes Brownson, Bronson Alcott e Henry David Thoreau. Os seus interesses muito variados vão desde a filosofia à política e passam pela educação, a estética, a teologia, os direitos humanos e sociais.

o mundo em que lhes caberia viver e do seu desejo de contestar as verdades, até então assumidas. Não será, desde logo, em 1836, data da escrita de *O Espírito da Natureza*, que se poderá afirmar que a Revolução Industrial terá descentrado o ser humano na sua relação com a natureza, alienando-o do seu autêntico valor, ser e sentido. Trata-se, sobretudo, de um movimento de reacção, dentro da própria Modernidade, por parte duma corrente, filosófica, que pretende encurtar a distância, em constante expansão, entre o mundo do espírito e o mundo material que parecia ter-se acentuado ainda mais com o desenvolvimento das ciências<sup>12</sup> e, consequentemente, da técnica. Emerson refere-se a esta situação como a de uma “visão parcial da ciência” que submete tudo à “luz inernal do entendimento,” fazendo que o homem só aplique à natureza metade da sua energia gerando um desequilíbrio perigoso entre o homem, o seu poder e a sua consideração pela natureza. O objectivo de Emerson resume-se, nas suas palavras, em “restaurar o mundo para a beleza inicial” e recuperar os poderes do homem, agora reduzido à situação de anão de si próprio.

Figuram entre as características mais destacadas do Transcendentalismo a vindicação do indivíduo, como centro do mundo criado; uma recuperação da importância do mundo natural e dos valores que este mundo representa, como reflexo da verdade do Absoluto, chegando mesmo ao panteísmo no seu extremo; e, finalmente, uma revolta consequente contra a razão instrumental que se condiz com o denominado regresso das emoções. Escusado será dizer que, naquelas antigas colónias americanas, tinha ocorrido a primeira revolução romântica que viria a centrar o poder em cada cidadão como indivíduo vocacionado para o bem comum, embora

---

<sup>12</sup> George Steiner refere-se a esta questão em *Language and Silence* (1958), no seu capítulo “Retreat from the word,” onde se exprime todo o processo de abandono progressivo das línguas naturais em favor da notação matemática na descrição das ciências puras.

sempre sob a ameaça de indiferenciação, com o nome de massa ou, com aquele outro, bem pior, de manada.<sup>13</sup> Emerson dir-nos-á sem reparos: “a sociedade está em conspiração em todos os seus domínios”<sup>14</sup> contra o indivíduo. Não nos surpreenderá então que, posteriormente em *Política* (1844), venha a prever a abolição do Estado com o surgimento do indivíduo iluminado.

Quando Ralph Waldo Emerson nasce, em 1803, nem sequer trinta anos tinham transcorrido desde a *Declaração de Independência* dos Estados Unidos. Pouca, também, é a distância que medeia entre esta *Declaração* e *O Espírito da Natureza*, ensaio igualmente fundacional no seu âmbito cultural e social o que nos pode também levar a considerar uma ténue, mas distinta, linha política, que Emerson começará a explorar já n’*O Erudito Americano*, aquele ensaio que é considerado como autêntica declaração de independência cultural dos Estados Unidos.

Surge, assim, Emerson como figura estruturante coetânea do primeiro espírito pioneiro e inaugural do seu país, com uma reflexão crítica, com uma chamada de atenção sobre a idoneidade do caminho prosseguido.<sup>15</sup> Mas é, ainda, perante este período de desafios, por causa deles mesmos, que Emerson revela o seu proverbial optimismo no seu *Erudito Americano*:

---

<sup>13</sup> Este é o termo utilizado pelo, injustamente desconhecido, crítico cultural norte-americano Randolph Bourne (1886-1918) para se referir ao ser humano no seu grau mais baixo, quando dominado e reduzido pelo estado à sua mínima expressão. Consideramos aconselhável a leitura do ensaio de Bourne *A América Transnacional* (1916) após uma leitura do *Erudito Americano* de Emerson.

<sup>14</sup> Tomamos esta citação da *Confiança em si* e recordamos que a visão de Henry David Thoreau não é muito diferente quando afirma na *Desobediência Civil* que o Estado, como organização política da sociedade, ofusca o livre-pensamento, privando-o da sua humanidade e “equiparando-o a madeira, a terra ou a pedras.”

<sup>15</sup> Não podemos deixar de referir aqui um certo espírito crítico e de análise, em definitiva, de uma libertadora anamnese freudiana *avant la lettre*, de tentar recuperar para a memória o processo mediante o qual se origina tudo aquilo que se assume como verdade.

Se existir algum período em que alguém deseje nascer, não será mesmo nesta idade da Revolução, quando o velho e o novo se põem, lado a lado, e admitem ser comparados; quando as energias de todos os homens se encontram trespassadas pelo medo e pela esperança; quando as glórias históricas da antiga era podem ser compensadas pelas profícuas possibilidades da nova? Este tempo, como quaisquer outros tempos, será esplêndido, tão-só se soubermos o que dele fazer.

*Se soubermos o que dele fazer...* O novíssimo país do Novo Mundo tivera-se proposto abertamente o nada modesto objectivo de criar um novo homem, agora bem em jeito de um Adão<sup>16</sup> escarnecido, brindando-lhe um novo começo salvaguardando que este se desenvolvesse, como indivíduo, na auto-suficiência e na fé da liberdade como condição para a efectivação de acções autenticamente morais determinantes do bem comum. Neste sentido, sublinhamos o conteúdo adâmico, utópico, do nascimento dos EUA. Aspecto bem plasmado, directa e indirectamente, tanto na literatura de inspiração e objectivos religiosos, como nos seus documentos constituintes, na sua *Declaração de Independência* e, posteriormente, na sua *Constituição Federal*<sup>17</sup> onde se instituem relações inéditas entre a cidadania e o governo e entre os próprios seres humanos.

Nesta conjuntura histórica e cultural, Emerson anseia tanto proclamar os valores que pretende venham identificar a juventude da que ele próprio faz parte como, igualmente, fazer que aqueles outros valores que consubstanciaram a Revolução Americana não fossem esquecidos. Assim apresentadas as coisas, pareceria ainda

---

<sup>16</sup> Este termo remete ao clássico dos estudos americanos *The American Adam* de R. W. B. Lewis de 1955. Para Lewis, Adão encarna o arquétipo de homem americano como alguém livre das imposições da história e que conta, para o seu sucesso, tão-só com o presente e o futuro.

<sup>17</sup> Será interessante sublinhar que o segundo presidente dos EUA, John Adams, que, na sua *Defesa das Constituições dos Estados Unidos* (1787), afirma: “Os Estados Unidos, com toda a certeza, têm-se revelado o primeiro exemplo de um governo erigido sobre os simples princípios da natureza.”

difícil de acreditar que Emerson viesse a ser banido, excomungado, em 1838, em termos práticos, da Universidade de Harvard e da sua liberal Faculdade de Teologia devido ao escândalo provocado por aquele seu discurso agora conhecido como *Locução da Faculdade de Teologia*, precisamente, por assentar a fé em dois ingredientes fundamentais do Transcendentalismo, na intuição e nos sentimentos espontâneos dos homens, situando-os perigosamente fora do alcance de qualquer dogma ou autoridade. Bem, no fundo, o Emerson do *Espírito da Natureza* é um radical, um radical prudente,<sup>18</sup> preocupado com o processo de esmagamento do cidadão/indivíduo por uma ordem social e política que lhe prometera, o nada desprezível, poder de se autodeterminar. Dizemos radical<sup>19</sup> porque Emerson leva a cabo uma análise do *status quo* e procura as raízes profundas que determinavam a percepção da realidade, das verdades assumidamente incontestáveis, e fá-lo mediante um estudo da natureza das coisas e da natureza do ser humano. Trata, a todo custo, de encetar um esforço para chamar a atenção sobre as lacunas que a organização política e social, de ordem geral e superior, a *respublica*<sup>20</sup> tinha deixado, sem qualquer consideração, abandonadas, aquelas que concerniam especificamente a um pleno e efectivo desenvolvimento humano e sem as quais uma autêntica república languidesceria e nunca poderia florescer, e que têm a ver com uma dimensão espiritual.

---

<sup>18</sup> Emerson sempre se moveu dentro da respeitabilidade, fazendo bom uso do seu púlpito laico. Isto, talvez, nos traga à mente, por contraste, um Henry Thoreau como *enfant terrible*, revelando uma postura completamente diferente mas que bem considerado, e como já apontámos, não será assim tão diferente da do seu mentor, a diferença está mais no estilo como se expressam as ideias.

<sup>19</sup> Tal como podemos dizer sobre Thoreau, radical será alguém que tem presentes as raízes ideológicas sobre as que se assentou a Revolução Americana.

<sup>20</sup> Assim, Henry David Thoreau, discípulo destacado de Emerson, falar-nos-á da necessidade de resgatar e fortalecer a *resprivata*, no seu ensaio *Uma Vida sem Princípios* (1863).

O Transcendentalismo, em consonância com os desenvolvimentos coetâneos no âmbito das ciências naturais, veio assimilar e propugnar uma visão organicista da natureza que, como tal organismo vivo, está submetida a mudanças e onde cada um dos seus órgãos, como membros de um mesmo corpo, desenvolve a sua existência numa relação interdependente e colaborativa. Esta natureza é de carácter plural e esta sua variedade é regida pela força reitora da liberdade, condição essencial para a autonomia, a vida independente e, conseqüentemente, para a individuação. A natureza como processo, *natura naturans*, possui um carácter plástico, não foi criada duma só vez, não se trata de uma natureza inerte (*natura naturata*) que não dá oportunidade à interacção humana. Esta natureza vai sendo interpretada pelo ser humano, daí que as verdades que o ser humano deduz como leis não sejam, necessariamente, nunca finais, apuradas na sua totalidade e perfeição. Um mundo constituído por leis estáveis e imutáveis e que chega a confundir-se com uma certa ortodoxia cristã adequava-se, pela sua previsibilidade e linearidade, tanto às mentalidades mais conservadoras como às premissas marcadamente racionalistas. Duma maneira geral, o mundo que surge com o século XIX supõe uma ameaça a qualquer tipo de tradição, o que nos deve levar a reavaliar as posições de Emerson e o seu suposto conservadorismo que não se coaduna com a sua rejeição da transubstanciação, no sacramento da comunhão ou, noutra campo de ideias, com a sua carta ao presidente Martin van Buren, em 1838, por ocasião da expulsão dos cherokees dos seus territórios.

Apesar de todo um processo de secularização<sup>21</sup> que começa a tomar forma, a religião era importante na vida quotidiana. Também

---

<sup>21</sup> Será necessário ter em conta a especificidade dos EUA, a questão suscitada pelo deísmo, como espiritualidade alheia a um deus pessoal, a separação de ordem meramente consuetudinária entre igreja e estado e, finalmente, a fraca participação do povo em quaisquer serviços religiosos nos começos da República como exemplos de uma frequente secularização.

o era a mitologia fundacional que associava o novo mundo a uma Terra Prometida e aqui devemos salientar a existência duma autêntica ebulição religiosa evangélica.<sup>22</sup> O próprio Emerson é licenciado em teologia pela Universidade de Harvard, cuja Faculdade de Teologia tinha sido central desde a sua fundação em 1636. Entre as igrejas presentes, na Nova Inglaterra, a Igreja Unitária é a mais influente do período, facto que não é nada alheio à riqueza e, consequente, influência social, política e cultural dos seus membros. É nesta Igreja que Emerson foi ordenado em 1829.

Tal como, de forma geral, nas igrejas protestantes, a Igreja Unitária privilegia uma relação directa e pessoal, sem intermediários, com o Criador o que imprimirá uma grande liberdade sobre as vivências religiosas de cada indivíduo e, também, uma grande autonomia de cada uma das diferentes congregações que a conformam. Trata-se de uma igreja imbuída de um espírito racionalista, que se reflectiu na rejeição da trindade, patente já na sua denominação. Assumindo, teologicamente a filiação divina dos seres humanos, assume, também, a sua divindade, relegando Jesus à situação de ser humano excepcional, um exemplo de superação de ordem moral para todos e é aqui, e só aqui, que descansa a sua liderança. Se a isto juntarmos uma boa dose de filosofia e religião oriental, via sufismo, hinduísmo e budismo, poderemos situar o Unitarianismo na fronteira do cristianismo. Será, precisamente, esta divindade humana justificará o conceito de dependência em si<sup>23</sup> como aspecto fundamental do pensamento de Emerson.

---

<sup>22</sup> É de salientar neste período, especialmente entre 1800 e 1830, um movimento de revivalismo religioso de carácter evangélico denominado *Second Great Awakening*. Trata-se de um movimento muito marcado pela rejeição do racionalismo e do deísmo. O primeiro *Great Awakening*, da década de 30 do século XVIII, fora marcante em relação à criação de uma identidade religiosa nos anos que precederam a Revolução Americana, sendo, também, importante as suas repercussões sobre questões políticas. No século XIX, os revivalistas assumiram um papel decisivo no movimento abolicionista.

<sup>23</sup> Já é óbvia a prefiguração, neste ensaio, dalgumas das ideias que serão exploradas posteriormente, neste caso concreto, temos uma antecipação de *A Confiança em si* (1841).

Se a história do mundo é a história de um Deus que, em cada momento, se está a criar a si próprio e que tem o seu reflexo na natureza, também, é na natureza onde o homem se vai realizando, precisamente, mediante um corpo que o torna parte da natureza. A natureza, como autêntica linguagem encriptada de Deus conduz ao interesse dos Transcendentalistas sobre a recuperação logológica como veículo para uma relação ideal unívoca da palavra com o seu referente; trata-se de recuperar uma relação autêntica, prelapsária, para exprimir a verdade com toda a sua clareza. A modo de diagnóstico, para Emerson: “O eixo da nossa visão não coincide com o eixo das coisas e, por isso, não nos parecem transparentes, mas opacas,” o que implicará reconhecer o aspecto dinâmico da Natureza e reconsiderar o conceito de verdade que nada terá a ver com factos incontestáveis.

A percepção da natureza como reflexo do divino confere a esta o estatuto de revelação, num patamar semelhante ao da Bíblia, também como um livro que aguarda ser interpretado pelo seu leitor desde a liberdade. Para este objectivo, o homem deverá fazer uso do seu “espírito puro,” criativo e incumbido de identificar na natureza a qualidade dinâmica que, ao fim e ao cabo, não deixa de ser a mesma qualidade que se reconhece em Deus.

A Natureza não é fixa, mas fluida. É o espírito que a altera, que a molda, que a cria. A imobilidade ou primitivismo da Natureza é a ausência de espírito; para o espírito puro, é fluida, volátil, obediente. Todo o espírito constrói uma casa para si; e, para além dessa casa, um mundo; e, mais para além desse mundo, um Céu.

Para Emerson, uma atenção fixada sobre a mera realidade material das coisas não permite conhecer toda a sua verdade, por ignorar a sua vertente espiritual inerente. Assim, os sentidos não são finais, “oferecem representações de coisas, mas aquilo que estas coisas são em si não conseguem discriminar.” Por outro lado, se a religião ignorar a matéria, será incapaz de dar conta da autêntica realidade

das coisas. É esta uma alteração de consequências profundas, uma vez que, desde o Humanismo, a evolução do pensamento tinha sido marcada pelo afastamento de explicações míticas e metafísicas em relação à procura da verdade. Assim, a intervenção do espírito sobrepõe-se à habilidade racional, mas meramente mecânica, do Entendimento; é mediante o espírito regido pela razão que se poderão encontrar aproximações à verdade, as conjecturas:

Mas aquele naturalista mais instruído, que presta atenção completa e devota à verdade, compreenderá que fica muito por aprender em relação ao Mundo e que este não se chega a conhecer só mediante uma soma, uma subtração ou outras operações similares com quantias conhecidas, mas mediante manifestações espontâneas do espírito, mediante um contínuo recbro de si mesmo e mediante a mais completa humildade. Conhecerá ele, assim, que há qualidades muito mais excelentes num estudioso que a exactidão e a infalibilidade; que uma conjectura é amiúde mais frutífera que uma afirmação indiscutível e que um sonho nos pode introduzir, mais profundamente, no segredo da Natureza que cem experiências bem planeadas.

Sob esta perspectiva o conhecimento revela-se como beleza ou “ordem absoluta das coisas tal como elas existem na mente de Deus.” Os cientistas aproximam-se dela ao revelarem as “leis do mundo.” A Razão fica realçada como faculdade notável permitindo transcender as limitações ao abarcar a percepção, a intuição, a imaginação, a cognição e, por fim, consegue chegar à coisa-em-si.

Deste processo, que combina espírito e matéria, a conclusão será um conhecimento total, atingindo a *coincidentia oppositorum* pela actuação da Razão<sup>24</sup> como qualidade específica do ser humano que o torna realmente humano. Trata-se, no fundo, dum exercício místico procurando a união com um espírito superior (*over-soul*) para lograr

---

<sup>24</sup> Nesta relação com o mundo material, são distinguidas o Entendimento, como capacidade de ordenação lógico-racional da realidade material, da Razão, uma faculdade associada à intuição e ao dom superior da Imaginação, estando assim ligada a realidades de carácter criativo e espiritual.

atingir a compreensão do sentido da vida e do seu devir. “Se a razão for estimulada até uma visão mais clara, os contornos e as superfícies tornam-se transparentes, e já não serão vistas.” Alcançar este estado de consciência equivale a tornar-se num globo ocular transparente que elimina a descontinuidade entre o homem, a natureza e o divino, propriamente dito, alcançando a unidade da experiência. O estudo da natureza levará ao estudo de um sobre si próprio que por ter sido criado à imagem e semelhança d’Ele, do criador, concluirá com a união com Deus, “sou uma parte ou partícula de Deus.”

O *Espírito da Natureza* conclui com dois capítulos marcadamente idealistas, que semeiam uma dúvida sobre a capacidade das ferramentas usadas para atingir a verdade e conseguir aquilo que Emerson identificara, no começo do ensaio, como uma grande carência, uma teoria da natureza. Emerson considera a questão de como alcançar conhecimento sobre aquilo que é desconhecido e de, eventualmente, alcançar: “aquela Unidade, aquele Espírito Superior, no qual todo o ser particular de todo o homem é contido e se torna um com todos os outros.”<sup>25</sup> Não deixa de ser uma concessão ao cepticismo, salientando uma fundamental consciência da possibilidade de erro na “percepção,” da matéria, apontando, assim, para a falibilidade do método indutivo mas, também, para a impossibilidade de aplicação do método dedutivo dependente de proposições lógicas para chegar à verdade a partir de uma lei geral, o que pareceria garantir mais objectividade e correcção. Emerson exprimirá claramente a iniludibilidade do erro no seu ensaio de 1844 intitulado, precisamente, *Experiência*:

E assim, por sempre, colocamos sob suspeita todos os nossos instrumentos. Aprendemos que não vemos directamente, mas de forma mediada e que não temos maneira de corrigir estas lentes coloridas e modificadoras que acabamos por ser, ou, mesmo, de determinar a quantia dos seus erros. Talvez estas lentes subjectivas tenham poder criativo; talvez não existam objectos.

---

<sup>25</sup> Citação que tomamos do seu ensaio de 1841 intitulado *Espírito Superior*.

Em termos teológicos, a conclusão poderá transparecer como algo menos problemático, tão só vem salientar algo já conhecido e admitido, a impossibilidade de dar uma solução ao Absoluto como princípio originário do qual tudo surge. Para Emerson, a ribeira de *Almas Gémeas*, do quadro de que falávamos no começo desta introdução, bem pode exprimir esta impossibilidade reduzindo tudo a mistério.

JAIME BECERRA DA COSTA

Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos

Universidade do Minho



Ralph Waldo Emerson

**O Espírito  
da Natureza**



Num subtil encadeamento de círculos,  
O mais próximo atrai o mais longínquo;  
O olhar lê profecias onde quer que vá,  
A rosa fala todas as línguas;  
E o verme, tentando ser humano,  
Remonta toda a espiral de formas.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Na primeira edição de *O Espírito da Natureza*, de 1836, Emerson tinha incluído uma citação do poeta romano Plotino: “A Natureza não é senão uma imagem ou imitação do bom senso, a partícula mais minúscula da alma; sendo algo que tão-só faz, mas não conhece” (Plotino, *Enéadas*, II, 3, 17). Na edição de 1849, esta citação é substituída por este poema do próprio Emerson, onde já é notória uma prefiguração das teorias evolucionistas que aparecerão em Charles Darwin com a sua *Origem das espécies* de 1859, sendo uma alteração com importantes e evidentes implicações em relação ao conceito de natureza.

### **Nota sobre a tradução**

A presente tradução do ensaio *Nature* foi realizada a partir da edição da The Library of America: *Ralph Waldo Emerson Essays and Lectures*, New York, 1983.

O conteúdo de todas as citações de obras em língua inglesa são, igualmente, traduções ao cuidado do responsável pela presente edição.

## INTRODUÇÃO

A nossa era é retrospectiva. Edifica sepulcros<sup>1</sup> para os nossos antepassados e escreve biografias, histórias e críticas. Todas as gerações anteriores contemplavam, face a face, a Deus e à Natureza; nós só o fazemos mediante os olhos<sup>2</sup> daqueles que nos antecederam. Porque é que não haveríamos também de desfrutar duma relação original com o Universo? Porque é que não haveríamos de possuir uma poesia e uma filosofia fruto da nossa própria introspecção e não a que nos é oferecida pela tradição? Porque é que não haveríamos de ter uma religião mediante revelação pessoal e não aquela que foi revelada a outros? Abrigados, já ao longo de bastante tempo, no próprio seio da Natureza que nos circunda e penetra com os seus fluxos abundantes de vida e, mercê dos poderes que nos conferem e nos incitam a realizar acções equivalentes às dela, porquê avançar com vacilações entre os ossos ressequidos<sup>3</sup> do passado ou converter esta presente geração, ainda viva, num desfile de máscaras, com um

---

<sup>1</sup> O uso desta expressão relembra o Evangelho de *Lucas* 11: 47-48: “Ai de vós, que edificais os túmulos dos profetas, quando os vossos pais é que os mataram! Assim, dais testemunho e aprovação aos actos dos vossos pais, porque eles mataram-nos e vós edificais-lhes sepulcros.”

<sup>2</sup> Pretende-se, assim, uma referência a *Coríntios* I 13:12: “Agora, vemos como num espelho de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido.”

<sup>3</sup> Esta passagem tem a sua inspiração em *Ezequiel* 37: 2-5: “A mão do SENHOR desceu sobre mim; então, conduziu-me em espírito e colocou-me no meio dum vale que estava cheio de ossos. Fez-me passar junto deles, à sua volta, e eis que eles eram muitos sobre o solo do vale; e estavam completamente ressequidos.”

vestuário já desbotado? Hoje o Sol também desponta.<sup>4</sup> Há agora muita mais lã e mais linho,<sup>5</sup> nos campos. Há novas terras, novos homens, novas ideias. Reivindiquemos as nossas próprias obras, as nossas leis e os nossos cultos.

Não temos, sem dúvida alguma, perguntas que não possam ser respondidas. Confiemos na perfeição da criação e consideremos que qualquer curiosidade que a ordem das coisas possa suscitar na nossa mente possa ser satisfeita por essa mesma ordem. A condição humana constitui a solução, numa linguagem hieroglífica,<sup>6</sup> às perguntas que ela própria formula. Antes de a apreender como verdade, realiza-a, como vida. Dum modo semelhante, a Natureza descreve, sempre, nas suas formas e tendências, os seus próprios desígnios. Interroguemos esta grande manifestação que resplandece harmoniosamente, à nossa volta. Perguntemos à Natureza qual é a sua finalidade.

Todas as ciências têm um objectivo, nomeadamente, a elaboração duma teoria da Natureza. Possuímos teorias sobre as raças e as funções, mas só possuímos uma ideia muito vaga sobre aquilo que é a criação. Encontramo-nos tão longe do caminho da verdade que até os líderes religiosos discutem, entre eles, odiando-se, enquanto todos aqueles que são mais reflexivos são acusados de ingénuos e frívolos. Mas para o juízo mais requintado, a verdade mais abstracta é a mais prática. Sempre que surge uma teoria verdadeira, ela própria se

---

<sup>4</sup> Trata-se duma referência a *Eclesiastes* 1:5: “O Sol nasce e o Sol põe-se e visa o ponto donde volta a despontar.” Trata-se de uma importante afirmação, o mundo é previsível devido à sua constância.

<sup>5</sup> É em relação à habilidade com a lã e com o linho que uma mulher virtuosa é descrita nos *Provérbios* IX, 13: “Ela procura lã e linho e trabalha de boa vontade com as suas mãos.”

<sup>6</sup> Desde o descobrimento e a posterior decifração da Pedra de Roseta, por parte de Jean François Champollion, em 1820, a egiptologia e, com ela, a arqueologia entram numa época dourada. Emerson, influenciado pelo místico francês Guillaume Oeger (1790-1833), vem afirmar que o próprio Homem, como parte da Natureza, é, também, um hieróglifo da divindade.

constitui na sua própria evidência. Fica confirmada pelo mero facto de explicar todos os fenómenos. Mesmo agora, se pensa que muitos fenómenos ainda não só não têm explicação, mas que, até, são inexplicáveis, como o sono, a loucura, os sonhos, os animais, o sexo.

Sob uma consideração filosófica, o Universo está composto de Natureza e de espírito. Portanto, falando com rigor, tudo aquilo que está separado de nós, tudo aquilo que a filosofia distingue como NÃO-EU, isto é, a Natureza e as artes, todos os outros homens e o meu próprio corpo devem ser contemplados com o nome de NATUREZA. Ao enumerar os valores da Natureza e ao reuni-los, farei uso desta palavra em dois sentidos: no corrente e no filosófico. Sobre questões tão gerais como esta que aqui formulamos, a inexactidão não é importante, pois não se gerará nenhuma confusão no pensamento. *Natureza*, num sentido corrente, refere-se às essências inalteradas pelo homem: o espaço, o ar, o rio, a folha. O termo *Arte* aplica-se à combinação da volição dele com estas, tal como sucede numa casa, num canal, numa estátua, num quadro. Mas as interacções por ele encetadas, entendidas em conjunto, são tão insignificantes — desbastar, coser, remendar, lavar... — que, numa impressão de tal maneira imensa como aquela que o Mundo produz sobre a mente humana, não chegam a modificar o resultado.



## Capítulo I

# A NATUREZA

Para alcançarmos a solidão, qualquer homem necessita abandonar tanto as coisas mais imediatas como a sociedade. Não me encontro só, enquanto leio e escrevo, mesmo quando ninguém está junto de mim. Sempre que alguém queira realmente estar só, terá, então, de contemplar as estrelas.<sup>1</sup> Os raios provenientes desses mundos celestiais produzirão a separação entre ele e aquilo que ele efectivamente toca. Poderíamos conjecturar que a atmosfera foi criada translúcida com a intenção de conceder ao homem a presença perpétua do sublime, através dos corpos celestiais. Que imensidão, vistas desde as ruas das cidades! Se as estrelas só aparecessem uma noite, cada mil anos, como seriam prezadas e adoradas pelos homens! Como seria guardada, nos homens, a lembrança da cidade de Deus que lhes tivesse sido mostrada! Mas estas mensageiras da Beleza aparecem, todas as noites, para iluminarem o Universo com o seu sorriso admonitório.

As estrelas inspiram reverência, pois, embora presentes, não deixam de ser inacessíveis. No entanto, todos os objectos da Natureza criam uma impressão semelhante quando a mente se abre perante a sua influência. A Natureza nunca mostra um lado mesquinho.

---

<sup>1</sup> De maneira semelhante, Walt Whitman, em “Quando ouvi o sábio astrónomo,” virá a falar da fuga da alma para a solidão no contexto apelativo da noite, da contemplação das estrelas acompanhada do silêncio.

O homem mais sábio não lhe arranca o seu segredo, nem chega a saciar completamente a sua curiosidade, ao descobrir toda a sua perfeição. A Natureza nunca foi o brinquedo dum espírito sábio. As flores, os animais, as montanhas reflectiram a sabedoria dos seus melhores momentos, tanto como o deleitaram na ingenuidade da sua infância.

Quando assim falamos da Natureza, pensamos nela duma maneira diferente, mais poética. Referimo-nos à totalidade duma impressão criada por objectos naturais complexos. É isto que distingue um tronco, do lenhador; da árvore, do poeta. A encantadora paisagem que ainda hoje, de manhã, contemplei, era, com absoluta certeza, dumas vinte ou trinta herdades. Millar é o dono daquele terreno; Locke, daqueloutro e Manning, do bosque, mais para além. No entanto, nenhum deles possui a paisagem. No horizonte, existe uma propriedade da qual nenhum homem é dono, salvo daquele que consegue integrá-las todas, isto é, do poeta. Esta constitui a melhor parte das herdades daqueles homens, embora nenhuma escritura legal possa certificar os direitos sobre ela.

Verdade seja dita, poucos adultos conseguem ver a Natureza. A maioria das pessoas não vê o Sol ou, pelo menos, a sua visão não deixa de ser superficial. O Sol acaba por iluminar não só o olhar do homem; brilha igualmente no olhar e no coração da criança.

O amante da Natureza é aquele cujos sentidos interiores e exteriores ainda se encontram verdadeiramente harmonizados entre eles; aquele que, na sua maturidade, conservou o espírito da infância. A sua relação com o céu e com a terra converte-se em parte do seu alimento quotidiano. Na presença da Natureza, o homem experimenta um deleite exacerbado, muito superior a todos os seus padecimentos mais excruciantes. Esta é a minha criatura, diz a Natureza, e, apesar de todas as insolências, regozijar-se-á comigo. Não só o sol do Verão, mas cada hora e cada estação rende o seu tributo de deleite; pois cada hora, cada mudança, desde o meio-dia

ofegante até à mais tenebrosa meia-noite, corresponde e estimula um estado mental diferente.

A Natureza é um cenário que se apresenta adequado, de igual modo, tanto à comédia como à tragédia. Com uma saúde plena, o ar é um tónico de incríveis propriedades. Ao atravessar, durante o crepúsculo, um campo despido, com restos de neve e sob um céu cheio de nuvens, sem que auspício especial algum rondasse os meus pensamentos, desfrutei duma exultação plena; duma satisfação próxima de um assombro reverencial. Nos bosques, o homem também se desprende dos seus anos, do mesmo modo que uma serpente, ao mudar de pele, e, em qualquer das fases da sua vida, é sempre uma criança.

Nos bosques, reside a juventude eterna. Nestes jardins de Deus, reina a virtuosidade e o decoro, celebra-se um festival perpétuo onde o hóspede nunca chegaria a entediar-se com tudo isto, nem em mil anos. Nos bosques, regressamos à razão e à fé. Neles, sinto que, enquanto conservar os meus olhos, nada de mau me pode ocorrer na vida, nenhuma desgraça, nenhuma desventura que não possa vir a ser reparada pela Natureza. De pé, sobre a terra desnuda, com a minha cabeça banhada num ar jovial e elevado no espaço infinito, esvai-se tudo o que sugere egoísmo. Converto-me num globo ocular transparente, não sou nada, vejo tudo; as correntes do Ser Universal circulam através do meu corpo; sou uma parte ou partícula de Deus. Então, o nome do amigo mais próximo soa, estranho e perfeitamente surgido do acaso: o ser irmãos ou conhecidos, ser amo ou criado, é então uma futilidade e um estorvo. Sou amante da beleza incomensurável e imortal. Na natureza virgem, encontro algo mais querido e mais afim a mim que em qualquer rua ou aldeia. Na paisagem serena e, especialmente, na linha longínqua do horizonte, o homem contempla algo tão formoso como a sua própria natureza.

O maior deleite proporcionado pelos campos e pelos bosques é o de sugerir a relação oculta entre os homens e as plantas. Não estou só, nem passo desapercibido. Elas saúdam-me a mim e eu a elas.

A ondulação dos ramos,<sup>2</sup> no meio duma trovoadá, é-me, por igual, algo novo e algo já antigo. Sou tomado por surpresa e, no entanto, já não me é algo desconhecido. O seu efeito é como o dum elevado pensamento superior ou duma depurada emoção que me sobressalta, quando julgo que penso com verdade ou faço aquilo que é devido.

No entanto, a capacidade de produzir este deleite não reside na Natureza, mas no homem ou na harmonia entre ambos. É necessário gozar destes prazeres, com muita mesura, pois nem sempre a Natureza aparece ataviada com roupagens de festa; deste modo, aquele mesmo cenário que ontem destilava perfume e cintilava como no momento de qualquer divertimento das ninfas, hoje difunde a sua melancolia. A Natureza veste sempre as cores do espírito.<sup>3</sup> Ao homem que é vítima de calamidade, o calor da sua própria lareira inspira-lhe tristeza. E, assim, há uma espécie de desprezo na paisagem, para aquele a quem a morte acaba de arrebatá um amigo querido.<sup>4</sup> O céu é então menos imponente e aquilo que guarda é de menor valor.

---

<sup>2</sup> Teremos de considerar aqui um movimento regular, ordeiro, e de outra maneira invisível, do vento que é patenteado no movimento dos ramos das árvores que patenteiam.

<sup>3</sup> Será importante mencionar aqui que o próprio Goethe, no ensaio de 1798 “A observação científica e a ciência,” já aponta para a impossibilidade da existência da observação de um fenómeno puro. A luz, o ar, o humor contribuem para dar uma certa tintura à nossa observação dos fenómenos indicando, assim, a importância da circunstância quando lidamos com a nossa relação com a natureza.

<sup>4</sup> Provavelmente, aqui, Emerson sintá a sua própria experiência pessoal: o seu irmão, Charles, tinha falecido no mesmo ano em que este livro foi escrito e, anteriormente, em 1834, tinha perdido o seu irmão Edward.